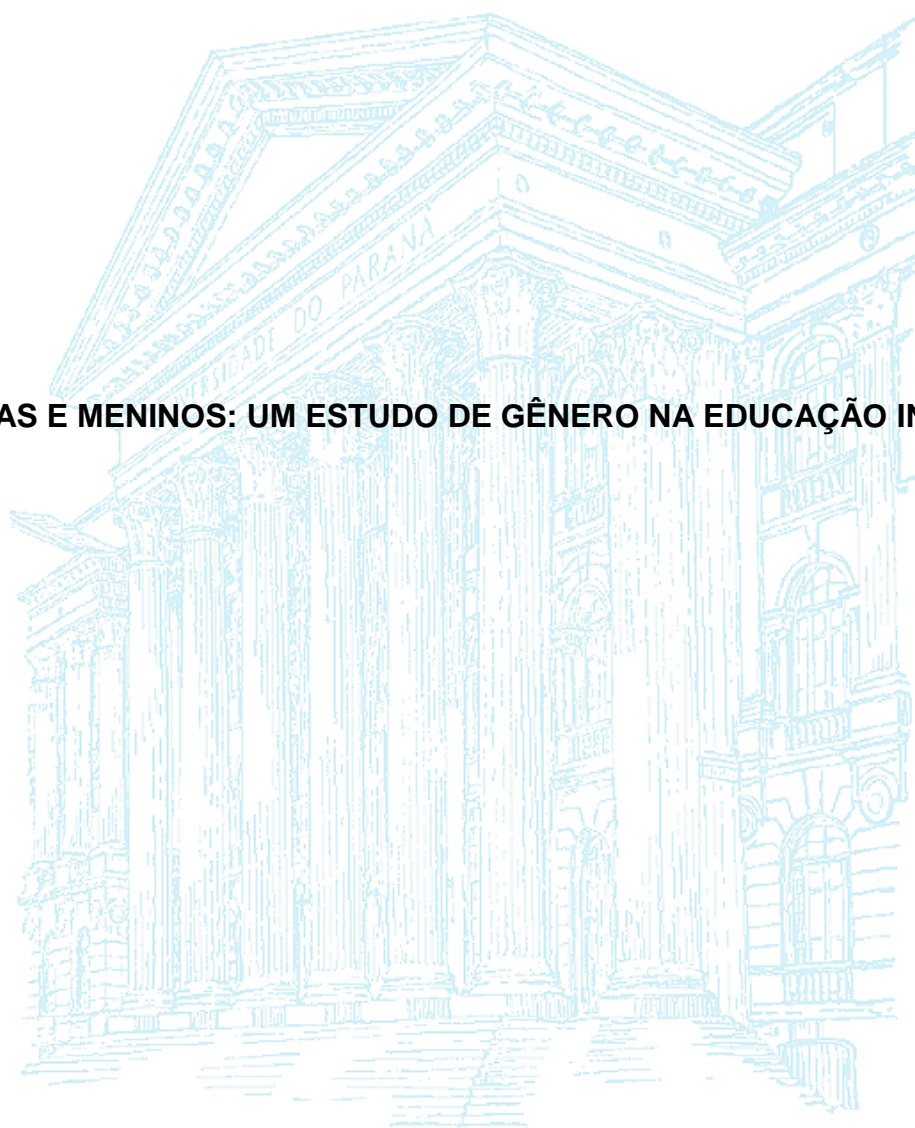


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GUILIAN SCORSIM OMURA

MENINAS E MENINOS: UM ESTUDO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL



LAPA
2016

GUILIAN SCORSIM OMURA

MENINAS E MENINOS: UM ESTUDO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Dra. Cintia de Souza Batista Tortato

LAPA
2016



MENINAS E MENINOS: UM ESTUDO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Guilian Scorsim Omura¹ ; Cintia de Souza Batista Tortato²

¹ Graduada em Letras Português/Inglês - Fafipar. Aluna especialização em Gênero e Diversidade na Escola – UFPR; E-mail: guilianscorsim@gmail.com

² Dra. em Tecnologia-UTFPR. Pesquisadora do Núcleo de Relações de Gênero e Tecnologia – UTFPR. E-mail: cintiatortato@hotmail.com

Resumo: A escola como espaço de interações humanas lida em seu dia a dia com a diversidade de indivíduos em diversos aspectos, um deles relaciona-se às relações de gênero. O presente artigo tem como objetivo investigar se professores e professoras do ensino infantil tem lidado com a questão de gênero, dentro de sala de aula, questionando as características binárias e as relações de gênero, se eles e elas conseguem trabalhar com os sujeitos que não se apresentam dentro de um padrão heteronormativo, e se tem utilizado estratégias para conseguir trabalhar com a diversidade na escola. O trabalho visa analisar tais aspectos baseado na metodologia de grupo focal com profissionais do ensino infantil, totalizando cinco profissionais, que atuam tanto na rede particular e municipal da cidade de Matinhos - Paraná.

Palavras-chave: Educação; Ensino Infantil; Gênero; Identidade

Abstract: The school as a space of human interaction has to deal in their days with the diversity of people in many ways, one of them is the gender relation. The essay has the objective of understand if the early childhood education teachers have deal with the gender question besides of the binary characteristics, if they get to deal with children who transgress the gender limits, how the teachers have been working with the gender question, against the binary positions, the diversity. This essay aim to analyse this object based on a qualitative methodology, the focal group with five teachers at a school from Matinhos-Paraná.

Keywords: Early Childhood Education; Education; Gender; Identity

INTRODUÇÃO

O meu contato com a educação infantil começou quando recém havia saído da universidade, formada em letras português-inglês, comecei a dar aulas de inglês

para o maternal, jardim I e II. Durante minha graduação, voltei-me aos estudos feministas dentro da literatura, ao adentrar no campo do ensino infantil me deparei novamente com as relações de gênero, agora não só na literatura, e sim na educação.

Percebi que as divisões de sexo, e atribuições de cada gênero são sempre reafirmadas, seja pelas professoras e professores, seja pelos próprios alunos e pais. Esta reflexão me trouxe um questionamento: será que minhas colegas tem lidado com as relações de gênero em sala de aula e será que estão manejando de alguma forma as interações de sujeitos que escapam da normatividade prevista pela sociedade quando adentram na escola?

A organização escolar tal como conhecemos, já foi estudada e discutida por diversas correntes teóricas, elucidando diversos discursos e comportamentos que necessitam serem desconstruídos e desnaturalizados, um deles é a questão de gênero. Para elocubrar sobre este tema, escolhi um apanhado teórico que privilegia autoras e autores que tem seus estudos nas relações entre as identidades e suas reverberações no mundo pós-moderno, e também autores que pensem tal tema vinculado à educação.

Para compreender melhor as idéias sobre identidade, gênero e sexualidade tomei como base os estudos de Stuart Hall, Simone de Beauvoir e Judith Butler, já nas relações construídas dentro da educação trago Guacira Lopes Louro, para a discussão de uma pedagogia voltada a teoria queer.

É neste contexto que esta pesquisa se justifica, pois se propõe a identificar e analisar de que maneira professoras e professores do ensino infantil tem lidado com os indivíduos desviantes de um comportamento esperado dentro do pensamento heteronormativo e se tem trabalhado as relações de gênero voltadas para uma visão queer.

Buscar-se-á, a partir de uma pesquisa qualitativa, baseando-se em uma metodologia dos grupos focais, uma entrevista com cinco profissionais da educação infantil de uma escola particular na cidade de Matinhos no estado do Paraná.

O trabalho tem como objetivo geral Investigar como as profissionais da educação lidam com as questões de gênero na escola e como objetivos específicos pensar e analisar, se, as professoras e professores na educação infantil trabalham a questão de gênero e a teoria queer, compreender se as professoras têm percebido

indivíduos com comportamentos diferenciados da norma e como tem reagido a tais comportamentos e investigar se apresentam conhecimentos sobre a teoria queer.

METODOLOGIA

O trabalho é baseado em uma pesquisa qualitativa, utilizando como metodologia o grupo focal, a escolha deste modo de recolher e analisar os dados obtidos, visa compreender:

o trabalho com grupos focais permitiu compreender os seguintes aspectos: processos de construção da realidade por determinados grupos sociais; práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes. Assim, constitui-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. (MELO; ARAUJO, 2001, p. 3)

Para o objetivo deste trabalho, a utilização desta metodologia, traz uma forma de compreender melhor como se estruturam os discursos sobre o tema do presente artigo, se as professoras tem percebido indivíduos que não se adequam a uma norma heteronormativa, e se tem trabalhado isso de alguma forma em sala de aula. Além disso, visa-se a partir de seus discursos compreender como elas reagem ao falarem do tema da pesquisa, como argumentam suas reações em sala de aula e se levam tais temas para a sala de aula.

O local escolhido foi uma escola particular, local onde trabalhei durante cinco anos, e onde tenho contato com as professoras. Em uma sala de aula, foram utilizados dois gravadores que ficaram em diferentes pontos da sala. As professoras foram orientadas sobre o tema e objetivos da pesquisa. Ao todo foram feitas 5 perguntas, 2 de cunho geral, a apresentação das professoras, formação, e escolha da carreira profissional, e 3 específicas relacionadas ao tema da pesquisa. O grupo focal ocorreu com cinco professoras, todas trabalham na educação infantil, na rede pública e particular na cidade de Matinhos, no estado do Paraná.

As profissionais foram orientadas que seus nomes seriam preservados, utilizando uma denominação de professora 1, 2, 3, 4 e 5, e que elas deveriam responder as perguntas em seus respectivos turnos.

Nas duas perguntas gerais foi pedido que se apresentassem, dizendo a sua formação acadêmica, há quantos anos estavam na profissão e sobre as motivações

que fizeram-nas serem professoras. As perguntas tinham como objetivo introduzir uma apresentação das profissionais.

A terceira pergunta já adentrou no tema da pesquisa, que foi se elas já tinham ouvido falar sobre o tema, quando falamos gênero, o que elas imaginavam que seria isso dentro da escola.

A quarta pergunta já trouxe as relações de gênero dentro da escola, se dentro do esquema coisas de menino e de menina no dia a dia da escola elas faziam divisões de atividades, como, por exemplo as filas, distribuição de lugares, tarefas e etc. Esta pergunta visava perceber se as professoras tinham a consciência de comportamentos de separação de gênero, e se tinham atitudes que demonstrassem isso.

A quinta pergunta trouxe o questionamento se em algum momento em sua trajetória como docente houveram alunos ou alunas que não se encaixavam dentro do “padrão” menina e menino, que o comportamento fosse desviante do que se considera “normal” e se houveram casos, como lidaram com isso. A última pergunta visava compreender se houve alguma intervenção por parte das professoras, se utilizaram alguma metodologia ou uma forma de lidar com a situação

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola ao longo dos séculos têm se desenvolvido com diferentes objetivos, ao pensarmos neste espaço, hoje, sabemos que ele:

caracteriza-se como uma das instituições onde uma das formas de educação formal, acontece entremeada a outro processo igualmente importante no desenvolvimento das pessoas, o processo de socialização. Os dois processos acontecem juntos e pode resultar em aprendizagens diferentes, a escola tanto precisa preocupar-se com os números e as letras e o conhecimento científico, quanto com os valores sociais, preconceitos, tabus e discriminações. (TORTATO, 2015, p. 103)

Portanto, uma instituição como a escola, um espaço que vai além dos ensinamentos dos livros e das verdades construídas, é um lugar onde deve se questionar, desconstruir verdades, porém que ainda infelizmente não assume este seu outro lado e muitas vezes faz apenas a repetição de poderes instituídos como verdade. Em relação a isso Guacira Lopes Louro, aponta:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o

“lugar” do/as pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aquelas que deverão ser modelos e permite também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. (LOURO, 2014, p. 62)

Um dos modelos, são as construções de identidade de gênero, para estudar tal posição trago o pensamento de Stuart Hall, quando comenta sobre a questão da identidade dos sujeitos, que segundo o autor:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando a paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (HALL, 2005, p. 9)

Sendo assim, Hall (2005), defende que as identidades, durante um longo período na história, tiveram um caráter unificado, onde quase todos, necessariamente sabiam quais eram seus papéis.

Em relação ao sujeito pós-moderno e o seu descentramento, diversos avanços na teoria social e humana ajudaram na ruptura com o sujeito cartesiano. Um exemplo é o feminismo, e os estudos de gênero o qual desenvolveu o questionamento sobre a figura feminina, e também masculina, a divisão entre sexos e a normatização dos sujeitos a partir da cultura.

Dentro deste pensamento temos, a partir do livro de Simone de Beauvoir com a máxima “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980, p. 9) onde os papéis identitários da mulher são questionados, trazendo uma indagação sobre o que é biológico e o que é cultural na formação das identidades femininas, pois para Beauvoir (1980) as diferenças biológicas não interferem no modo de ver o sujeito, tanto o homem quanto a mulher. Para exemplificar isso, ela afirma que as crianças, independente do sexo, participam em um primeiro momento das mesmas descobertas e dividem os mesmos sentimentos. É certo que, em algum momento, elas perceberão as diferenças biológicas, porém esse não é fator que influencia no modo como a mulher deve se encaixar nos parâmetros sociais estabelecidos.

Tal pensamento traz uma revolução nos modos de ver as relações culturais e representações das mulheres, pois desconstrói um pensamento de poder sobre as mulheres, onde o biológico não influencie e tente naturalizar o que é ser mulher. Ao falarmos sobre gênero devemos rever a forma como as relações entre os sujeitos ocorrem, segundo Louro:

As justificativas para as desigualdades precisam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se e que mesmo essas podem ser compreendidas

fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 2014, p. 26).

Ora, se os papéis de gênero são construções culturais, a sexualidade, também não foge desta premissa, Michel Foucault, em seu livro a “História da sexualidade: a vontade de saber”, publicado em 1976, baseia-se na construção discursiva da sexualidade como forma de discutir como a sociedade tem muito falado sobre ela e como tem normatizado comportamentos a partir do discurso. Traz uma visão que questiona sobre a repressão sexual moderna, pois fala-se demasiadamente sobre o sexo, mas de uma forma científica, tornando a fonte de poder de discurso, tornando o neutro, focalizando as condutas desviantes, como doenças, aberrações, extravagâncias, patologias. Segundo Foucault:

Trata-se, em suma, de interrogar o caso de uma sociedade que desde há mais de um século se fustiga ruidosamente por sua hipocrisia, fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz, denuncia poderes que exerce e promete liberar-se das leis que a fazem funcionar (FOUCAULT, 2015, p. 13).

Dessa maneira, o discurso sobre a sexualidade visa a normatização das práticas sexuais dos indivíduos, os comportamentos desviantes devem ser estirpados e colocados dentro da patologização, do errado, é a *scientia sexualis* que procura instaurar um discurso sobre a verdade do sexo, a partir da confissão, tornando como verdade absoluta uma visão baseada em preceitos construídos para a regulação dos indivíduos.

No caso da educação infantil, sendo um dos primeiros contatos das crianças com a instituição escolar, pode-se compreender que nela aparecerão aspectos das relações de gênero baseadas na divisão de papéis relacionadas ao sexo, como forma de normatização dos corpos e subjetividades, colocando expectativas:

Meninos e meninas desenvolvem seus comportamentos e potencialidades a fim de corresponder às expectativas de um modo singular e unívoco de masculinidade e de feminilidade em nossa sociedade. Muitas vezes, instituições como família, creches e pré-escolas orientam e reforçam habilidades específicas para cada sexo, transmitindo expectativas quanto ao tipo de desempenho intelectual considerado “mais adequado”, manipulando recompensas e sanções sempre que tais expectativas são ou não satisfeitas. (VIANA; FINCO, 2009, p. 274)

Na entrevista com as professoras do ensino infantil, nas primeiras perguntas de cunho geral, voltadas para a apresentação de cada uma, percebeu-se que a média de idade das professoras era de 25 a 40 anos, ministrando aulas para o maternal II, jardim I e II, a média da idade dos alunos nestas séries é de 3, 4 e 5

anos, respectivamente. Todas se formaram em pedagogia, algumas também com magistério e estão na profissão há mais de 8 anos. As professoras 1 e 5 tem especialização, a primeira em educação especial e a segunda em psicopedagogia.

Após as perguntas introdutórias pude perceber que quando adentrei na questão de gênero na escola, algumas já haviam ouvido comentários sobre o que seria:

o gênero aqui a classificação do que seria um menino e do que seria uma menina e o que seria o que historicamente a sociedade classifica como menino e menina, o que são coisas de menina e o que são coisas de menino? Bom, na educação infantil, eu nunca ouvi nada a respeito ai quando se trabalha com os maiores...(Professora 4)

Então, acabei de pensar agora, esse gênero e feminino e masculino? Vai falar sobre sexualidade? Ou e algo pra área de lingüística? (Professora 3)

Então, já vi uns comentários no what's, que eles estavam postando algumas coisas, eles queriam que as crianças não tivessem gênero né? Que iam fazer uma lei que teria que trabalhar na educação infantil, que não ia poder mais trabalhar menino e menina, que ia ter que trabalhar o gênero que eles pedirem. (Professora 1)

Todas as entrevistadas apresentaram um conhecimento prévio do que seria gênero, baseado no que viram em TV, redes sociais, pensando nas relações de construção dos papéis de meninos e meninas, baseadas no sexo biológico, baseando-se num ideal normativo de comportamento, nos esteriótipos do que é ser mulher ou homem (COSTA, 1994, p. 148).

Ao pensarmos em gênero, devemos ir além das construções dos papéis femininos e masculinos, pois tal classificação seria muito simplista para tratarmos de múltiplas formas de masculinidades e feminilidades que também são entrelaçadas pelas relações de poder que hierarquizam as relações (LOURO, 2015, p. 28). Segundo Vianna e Finco trabalhar com as relações de gênero:

Implica perceber que esse modo único e difundido de compreensão é reforçado pelas explicações oriundas das ciências biológicas e também pelas instituições sociais, como a família e a escola, que omitem o processo de construção dessas preferências, sempre passíveis de transformações." (VIANNA; FINCO, 2009, p. 270).

Ao comentarem sobre como sistematizavam o espaço e a organização em sala de aula cada uma trouxe suas premissas do que achavam ser natural as divisões entre meninas e meninos:

Mas nós mesmos sem perceber a gente classifica. Vamos fazer uma fila só de meninas e uma só de meninos. (Professora 4)

Isso é automático, a gente pegar e fazer a organização. Ah, vamos por as meninas aqui, os meninos lá, mas não que eu vou separar de propósito pra não misturar eles. (Professora 1)

A gente faz isso na sala, mas não por questões de gênero e sim pros meninos começarem a respeitar as meninas, ensinar a ser cavalheiros, deixar as meninas ir primeiro, as damas, a gente trabalhou muito isso esse ano. (Professora 5)

É perceptível que as professoras ao fazerem as divisões de filas, a organização do espaço de sala de aula, ao relatarem sobre o tema, em seus modos de dizer e comunicar suas ações há sim, uma classificação de gênero, uma visão categorizadora das atividades, a professora 5 comentou que a atitude de separar as crianças por sexo, era baseada na visão de cavalheirismo, nas ações que se esperava de um menino. Tal atitude, é baseada sim em processos de naturalização de comportamentos baseados na idéia do que é ser homem, e como devem tratar as mulheres, reproduzindo uma divisão de sexos que “parece “estar na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável” (BOURDIEU, 2010, p. 17).

Ainda relacionado a este tema perguntei se elas às vezes faziam divisão de cores, nas atividades de sala:

Por exemplo, a massinha você tem que separar as cores porque senão vão brigar. (Professora 5)

Às vezes eles não querem brincar de massinha, porque não é verde, daí eu digo que não tem, só tem rosa, brinca com ela.. (Professora 5)

Aí a gente troca porque é mais fácil a menina aceitar o azul do que o rosa. (Professora 1)

Na nossa turma esse ano a gente sempre deixou muito livre a gente colocava as cores de massinhas e cada um levantava pra escolher sua cor e em vários momentos o menino foi lá e pegou a massinha azul e depois trocou pela rosa, de uma maneira muito tranquila. (Professora 4)

Neste tópico foi perceptível que quase todas as professoras faziam estas divisões, principalmente na cor, a justificativa é de que se não fizessem isso, haveria discussão, briga, porque as crianças já tem essa divisão do que é de menina e menino de casa, dos pais. Entretanto, pode-se analisar em seus dizeres que essa visão vai além disso, pois ao se colocarem perante a situação vê-se que elas carregam uma imagem de feminilidade e masculinidade, a professora 1 trouxe isso fortemente, pois ao trocar as cores, colocando que a menina é mas fácil de aceitar a troca, levantou atitudes sobre que se espera das meninas, como submissão ao que é colocado, é mais fácil convencê-las. A professora 4 trouxe uma visão diferente das outras, deixando livre a escolha, de uma forma que respeitasse a individualidade de cada um.

Se a escola pode ser uma normatizadora de comportamentos, que traz exemplos a serem seguidos, agindo sobre as estruturas inconscientes dos

indivíduos, são os comportamentos que se tenta naturalizar (BOURDIEU, 2010). Tais atitudes agem como uma força simbólica que:

se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos (BOURDIEU, 2010, p. 50)

A professora 3 ao comentar sobre o tema apresentou uma reflexão que levanta o papel da escola e da família dentro de uma organização que reproduz atitudes que muitas vezes são engessadas e que faz com que comportamentos sejam repetidos:

Eu acho assim, que por mais que a gente tente colocar, na faculdade, a gente aprende que não pode ser uma escola tradicionalista, a gente tem trabalhar as coisas diferentes e trazer isso pra família, a escola não tá aberta pra receber esse tipo de coisa, entendeu? por mais que a gente tente falar pra criança que não é assim ou assado, a família, não tem o apoio da família, e nem da escola, então de um jeito ou de outro a escola também participa dessa parte e a gente mesmo sem querer acaba selecionando as crianças a fazerem esse hábito. (Professora 3)

Os que se desviam desta norma, provavelmente serão excluídos, segregados, ou passarão por tentativas de encaixe dentro dos padrões considerados “normais” dentro da sociedade. Qualquer comportamento que não se encaixe no papel esperado do homem e mulher, será corrigido, para que se encaixe dentro de uma forma pré estabelecida.

Para pensarmos em uma educação que se volte aos indivíduos sem julgá-los por comportamentos e atitudes, me baseio nos estudos queer, que na visão de Miskolci (2009) surgiram a partir da união de correntes filosóficas e dos estudos culturais com o pós estruturalismo francês, trazendo o questionamento de identidade e sujeito, encarando os como transitórios e circunstanciais.

Judith Butler, sobre esta teoria, vem como resposta a um novo modo de se pensar as relações de gênero dentro de nossa organização social. Questiona o que seria o gênero dentro de nossa sociedade, segundo a autora:

Se o gênero são significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada ao seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos (BUTLER, 2015, p. 26).

A autora Louro ao comentar sobre o que seja o termo Queer aponta a tentativa de decifrar englobando tudo que o termo queer pode abarcar para tentar trazer a tona o que não pode ser classificado, subjugado a normas regulatórias:

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade-desviante, homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado” (LOURO, 2004, p. 8).

Ao trazermos uma concepção de gênero que tente abarcar diversas feminilidades e masculinidades, a teoria queer traz um aparato reflexivo para tentarmos compreender comportamentos que transgridem a fronteira do que é imposto, as características que tornaram se naturalizadas, via cultura e processo histórico.

As professoras ao serem questionadas se já haviam tido contato com comportamentos assim, uma relatou que:

Sim, o ano passado teve um aluno que isso era muito forte nele que no caso a gente acaba até analisando a questão da sexualidade dele, o que eu percebi foi que ele se percebia como diferente, que o gosto dele era diferente, então assim, em alguns momentos ele tava brincando todo eufórico e quando ele percebia que uma de nós estávamos olhando ou algum colega, ele já travava, largava ou dava uma sabe, enrolada pra disfarçar, a própria criança já percebia essa diferença. Ficava se policiando, não que nós interferíssemos de maneira alguma. (Professora 4)

Aconteceu o caso desse meu aluno que gostava do rosa, a escova de dente dele era rosa e a mãe dele veio falar que era rosa porque ele gostou do tom rosa, ela achou que se ele tinha gostado do rosa, não tinha problema. (Professora 1)

Ao colocarmos uma visão queer para problematizar as questões identitárias, nas palavras de Louro: “A teoria queer permite pensar a ambigüidade, a multilicitude e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação” (LOURO, 2015, p. 47).

As únicas professoras que comentaram mais detalhadamente sobre o tema foram as professoras 4 e 3, as outras agiram de forma arredia em relação ao tema, admitindo que ao longo de suas carreiras já haviam percebido estudantes que apresentavam comportamentos diferentes do esperado dentro da “normalidade”, mas não quiseram dar exemplos, ou comentar. Percebi no comentário da professora 1 uma dificuldade em perceber e trabalhar a questão, pois em sua fala ela preferiu apenas calar-se perante o ocorrido. Quando a mãe da criança colocou que seu filho tinha gostado da escova rosa e que não havia problema nisso, ela, a partir daquele momento não agiu nem a favor ou contra, preferindo abster-se da questão.

A professora 4 trouxe uma percepção de que o aluno se mostrava diferente que tinha atitudes diferentes nas escolhas das brincadeiras, das cores, do que era esperado de um menino de quatro anos, que se percebia como distinto, mas como

falaram, não utilizaram disso como mote para a discussão em sala de aula. Ainda que a professora 4 ao comentar sobre essas relações e atitudes em sala de aula tenha colocado:

Eu acredito que devemos trabalhar de uma maneira natural, não forçada, não imposta, que nem, de repente desenhei um sol lá no quadro e coloquei um cílios no sol. Ah é menina, não, peraí, menino não tem cílios também? Vamos olhar ali. Então colocar situações que a criança reflita a respeito sabe, só que não pode ser uma coisa imposta, já que é tão imposta pela família eu acredito que na escola se a gente for impor vai bater muito de frente com a família. Tem que trabalhar de uma maneira tranquila, jogando situações que a criança possa parar pra pensar. (Professora 4)

A professora 4 trouxe uma reflexão pertinente sobre como tem trabalhado com suas alunas e alunos as relações de gênero, foi a única que pensou em como trabalhar com as crianças a percepção de indagar as identidades de gênero. Esta é uma tentativa de trazer um pouco do que a teoria queer apresenta, mas é necessário ir além, não deixar que os corpos sejam sujeitados a uma dominação que é sutil, que emaranha os comportamentos, que tenta tornar naturalizada as distinções entre masculino e feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, tanto nas pesquisas teóricas quanto na entrevista com as professoras, foi percebido que em relação a este tema a escola ainda está desacostumada com a desestabilização de conceitos, e pensamentos, e que é difícil trazer isso para as professoras, a escola e pais, principalmente os pais.

A formação acadêmica de professores e professoras ainda é muito falha na crítica das relações de gênero, FINCO (2010), em sua tese, argumenta que “boa parte dos cursos de formação docente continua não oferecendo disciplinas obrigatórias na graduação sobre relações de gênero, sexualidade ou educação sexual” (FINCO, 2010, p. 160).

As professoras relataram que haviam tido contato com conceitos sobre as relações de gênero pela internet, ou televisão, entretanto, a formação acadêmica não proporcionou um maior conhecimento sobre tal tema.

A intenção de se pensar em pedagogia queer levanta muitas descentralizações de verdades que por muito tempo passaram como irrevogáveis, é uma luta, que deve ser travada a partir da desconstrução, e na tentativa de se compreender as diferenças, a instabilidade.

Em relação a isso é necessário que formação de professores e professoras também se voltem às relações de gênero, que os programas e disciplinas tratem deste assunto, para que, ao menos, haja um primeiro contato dos profissionais com esta forma de compreender os indivíduos, dentro de suas subjetividades.

AGRADECIMENTOS

A professora Cintia, por me ajudar na feitura deste trabalho, que se deu pelo meio virtual, mas que mesmo assim foi muito presente em minha caminhada.

Aos professores do curso de especialização em gênero e diversidade na escola, fui transformada e espero algum dia transformar pessoas, como vocês.

A um pequeno aluno em tamanho, mas enorme em ensinamentos que me fez perceber o tema desta pesquisa, que de alguma forma eu possa te representar neste mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COSTA, Claudia Lima. **O Leito de Procusto: Gênero, linguagens e as teorias feministas**. In: Cadernos Pagu. Vol 2. p. 141-174. 1994.

FINCO, Daniela. **Educação Infantil, Espaço de confrontos e convívio com as diferenças: Análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero**. 2010.198f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. 10ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho: Ensaio sobre Sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MELO, Patricia Lopes; ARAÚJO, Waldirene Pereira. **GRUPO FOCAL NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO**. Anais do VI encontro estadual de educação, Universidade Federal do Piauí, UFPI, 2010.

Disponível

em:

http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/grupo_focal_na_pesquisa_em_educacao.pdf

MISKOLCI, Richard. **A teoria queer e a sociologia: O desafio de uma analítica de normalização**. In: Sociologias, Porto Alegre, nº 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

TORTATO, Cintia de Souza Batista. **Pensar a escola como um lugar para todos: a inclusão de gênero.** In: Nadia Terezinha Colovan; Daniel Canavese de Oliveira (Orgs.) Educação e diversidade: A questão de gênero e suas múltiplas expressões. Rio de Janeiro: Editora Autografia. 2015.

VIANA, Claudia; FINCO, Daniela. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder.** Cadernos Pagu. v.33. p.256-283. Julho-Dezembro. 2009.